



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico - CTC
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Acadêmica: Ana Gabriela Galvam
Orientador: Rodrigo Gonçalves dos Santos

intervensões e eventos na
PONTA DO CORAL
criando afetos no Parque Cultural das 3 Pontas, em Florianópolis

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, em especial à minha mãe, Maristela, por todo o incentivo aos meus estudos desde a infância, todo o apoio e todo o carinho, fundamentais para que eu conseguisse realizar esse curso. Sem você, eu não seria nada. Agradeço minhas avós Leonora e Dalila, exemplos de mulheres na minha vida.

O dedico a meus queridos tios, do qual precisei me despedir durante o processo desse trabalho. Tio Araújo, o formando da primeira colação que assisti quando ainda era criança, uma fonte de inspiração para que eu estivesse aqui hoje em meu processo de graduação, e a meu tio Auri, inspiração de trabalho e carinho. Sempre guardaremos vocês em nossos corações. Dedico a meus primos Maitê, Pedro e Vitor Luiz, que vem sendo a nossa grande alegria e força todos os dias.

Agradeço aos grandes amigos que fiz durante o curso, o famoso "grupão", que me fez sentir amada e acolhida na minha mudança para uma nova cidade, os quais compartilhamos bons momentos durante a faculdade de arquitetura, cantando enquanto desenhávamos nos atéliés de projeto e sempre juntos nos trabalhos em grupo. Agradeço também a todos os grandes amigos- os de antes do curso, e os que criei e compartilhei meus momentos bons e difíceis nos últimos 6 anos.

Agradeço a meu orientador, Gonça, por ser uma inspiração e tornar todo esse trabalho de conclusão de curso um processo mais leve e afetuoso. E agradeço à UFSC, por toda a qualidade de ensino e dedicação dos professores, e pelas viagens de curso que me fizeram ver novas possibilidades de cidades e arquiteturas. Viva a universidade pública!

Sumário

Introdução

Escolha e encaminhamentos da temática
Resumo
Objetivos

1 Eventos e Resignificações Urbanas

- 1.1 EVENTOS e como se manifestam
- 1.2 A CIDADE enquanto palco
- 1.3 AFETOS e Resignificações Urbanas

2 Local de Intervenção

- 2.1 Parque Cultural das 3 Pontas
- 2.2 Ponta do Goulart
- 2.3 Ponta do Lessa
- 2.4 Ponta do Coral - Breve Histórico

3 Local de Intervenção

- 3.1 Conexão com o Urbano
- 3.2 Implantação
- 3.3 Passarela
- 3.4 Apoio + CEPESCA

Bibliografia

"O passado não volta. Importantes são a continuidade e o perfeito conhecimento de sua história."

Lina Bo Bardi

Escolha e encaminhamentos da temática

Ter me mudado para Florianópolis para fazer esse curso trouxe muitas experiências de cidade que eu ainda não havia vivido. Estar no centro, observando os movimentos, os sons, me causou uma curiosidade urbana que antes não conhecia. Tal curiosidade, transformou-se ainda mais ao viver uma experiência de carnaval, onde, com as ruas fechadas para o público, o urbano se transformava completamente, por algumas instalações em sua materialidade, mas também pela apropriação e ocupação das pessoas sobre o espaço público. Tais novos caracteres que surgiam sobre o espaço nessas intervenções, aos poucos, transformavam os afetos que sentia por esse espaço.

Em uma das viagens feitas durante o curso, passeando pela Avenida Paulista, São Paulo, no domingo, tive uma experiência semelhante: observar a rua tornar-se ocupada por pessoas e intervenções. Particularmente, me chamou a atenção uma situação dada: Uma meditação coletiva acontecendo frente ao edifício do Fiesp. E, então, cerca de 30 minutos mais tarde, ao passar novamente pela frente do mesmo edifício, ali estar instalada uma banda de rock fazendo seu show. O local era o mesmo. A atmosfera do lugar, completamente diferente.

Todas essas memórias ficaram circunscritas em mim. As potencialidades latentes que permitem novas apreensões sobre os mesmos ambientes foram a força motora para a decisão do meu tema. O movimento inicial de produção desse TCC partiu de uma pesquisa sobre eventos e seu potencial de ressignificação sobre espaços urbanos, unindo-se à noção de arquitetura efêmera.

Com o desenvolvimento do trabalho, porém, o caráter do mesmo mudou, e a escolha da Ponta do Coral enquanto área de intervenção trouxe o maior desenvolvimento de proposições de caráter permanente, para sua estruturação enquanto parque.

Mantenho no trabalho, entretanto, a teoria de eventos e ressignificação urbana, primeiramente pelo propósito do trabalho se manter o mesmo- a ressignificação de um espaço público por sua apropriação. Em segundo lugar, pois pensar no espaço a partir das atividades que ali poderiam ser realizadas acrescentou muito à proposição dos espaços finais. Mas, por fim e especialmente pois os eventos e movimentos de ocupação do espaço realizados desde o início da polêmica na Ponta do Coral até hoje em dia, são o que tem impedido a criação de um hotel e mantido viva a esperança da retomada desse espaço pelo público.



Foto histórica de manifestações estudantis reivindicando a Ponta do Coral.
Fonte: Movimento Ponta do Coral 100% Pública (2015)

Resumo

Esse trabalho observa o como uma situação de evento localizada em um espaço do cotidiano se relaciona, e se reflete em arquitetura e urbanismo. Para tanto, explora uma série de conceitos relacionados a intervenções, apropriações e provocações de encontros na cidade, teorizando o como uma situação efêmera pode provocar ressignificações no espaço público.

O potencial de provocar novas significações sobre um espaço consolidado a partir de uma ocupação de evento, vem da capacidade do Ambiente Efêmero promover novas relações entre a pessoa e a cidade, a partir da alteração em um processo de percepção do espaço, tais alterações permitindo o desenvolvimento de ambientes que provoquem relações interpessoais.

Seja pelo uso ou por instalações, por mais pré estabelecido esteja que haverá uma ocupação e um êxodo do espaço, a ocupação ainda trará significados para a cidade e a sociedade que ali transita, o que poderá implicar em rastros permanentes e marcas nas cidades- seja no imaginário, ou no físico. No imaginário, o modo de usar a cidade deixa sobre o espaço marcas e registros, que por si se revelam nas práticas cotidianas. No físico, as estruturas pensadas para permanência temporária podem acabar se constituindo como parte indissociável da escala cotidiana, bem como na implicação de mudanças no urbano.

A partir da investigação teórica, surge uma proposição espacial. O local de intervenção escolhido é o Parque Cultural das Três Pontas, em Florianópolis, com um recorte na área da Ponta do Coral. As intervenções de caráter de parque e ativação do lugar por eventos pretendem provocar a visibilidade desse espaço como público, com o desenvolvimento do senso de permissividade na apropriação do espaço.

Objetivos

Elaborar uma proposição espacial para a ativação e criação de afetos no Parque Cultural das 3 Pontas, de forma dar visibilidade a seu caráter público. Desenvolver um senso de permissividade na apropriação do espaço a partir da ideia de evento.

Em seus objetivos específicos, constam:

- Realizar uma pesquisa teórica sobre evento e ressignificações no espaço urbano, abordando conceitos e estudos de caso.
- Apresentar um breve contexto histórico e legal da área do Parque Cultural das 3 Pontas, com enfoque na Ponta do Coral.
- Apresentar uma proposta geral de evento com unificação entre as 3 pontas, seja por linguagem e atividades. Representar cenas urbanas da ocupação de cada uma das pontas durante esse evento.
- Fazer um recorte na área da Ponta do Coral para espacialização e detalhamento de intervenções a serem mantidas na proposta de parque, condizentes com o caráter público permanente desse espaço. Propor cenas urbanas de ocupações e atividades dando suporte a um evento para a criação de afetos nesta área.

1. Eventos e Ressignificações Urbanas

1.1 EVENTOS e como se manifestam

O conceito Evento é lido por esse trabalho como as situações que reúnem um certo público, geralmente com um propósito expositivo ou de troca, alterando temporariamente o caráter de um espaço. Foca-se nos casos onde o espaço urbano cotidiano é palco para esse evento.

Parte-se da noção de que esse novo caráter do espaço existente possa acontecer a partir de duas frentes. A primeira delas, o uso, aborda a transformação que o espaço urbano sofre pela ocupação- o público sendo a própria instalação- como eventos performáticos, reuniões ou manifestações que, por si, transformam um espaço cotidiano em evento. A segunda, a partir de técnicas construtivas que intervêm temporariamente no espaço, com uma infraestrutura que agregue ao urbano existente- como em festas populares, shows, feiras expositivas, entre outros.

Não se pretende abordar aqui, os megaeventos que provocam modificações profundas no contexto urbano, como exemplo das copas do mundo, ou que descaracterizam o espaço anterior de maneira permanente.

Costa(2015), traz em seu estudo o termo "inquilinismo", para abordar a relação entre a instalação (em seu trabalho, uma feira) e o espaço urbano no qual a mesma foi inserida. O termo, trazido da ecologia, traz a noção de uma relação em que um dos envolvidos se beneficia, sem provocar prejuízos ao outro. Assim pode ser compreendido um evento, onde a intervenção, física ou pelo uso, dá suporte para esse novo espaço e, ao ser retirado, permite que o mesmo mantenha suas características originais.

Por mais pré estabelecido esteja que uma instalação temporária será aplicada e removida do espaço, essa ainda trará significados para a cidade e a sociedade que ali transita, o que poderá implicar em rastros permanentes e marcas nas cidades- seja no imaginário ou no físico, como as estruturas pensadas para permanência temporária que acabam se constituindo como parte indissociável da escala cotidiana- bem como na implicação de mudanças no urbano.

1.2 A CIDADE enquanto palco

Uma intervenção eventual está intimamente atrelada ao espaço pré existente.

Para que o evento desenvolva uma nova ambiência, precisará abarcar a possibilidade de ser utilizado de maneira diferente da habitual, interpretado de novas maneiras por quem o ocupa. Tal é o conceito de polivalência, de Hertzberger(2001).

Polivalência relaciona-se com flexibilidade. Flexibilidade diz respeito a um espaço sem personalidade, uma 'folha em branco', livre para apropriação porém que não atrai para o uso; polivalência, por sua vez, diz respeito a um espaço com personalidade e memória, que gera identificação dos espaços, permitindo inúmeras formas de apropriação.

Polivalência é o que se procura ao propor espaços públicos que visem ser apropriados, como na proposição da segunda parte deste trabalho.

A partir do como um espaço é ocupado rotineiramente, também a memória deste é revelada, sugerindo potenciais circunscritos e necessidades latentes. Estudos como o das Corpografias, de Jacques, falam sobre as relações de influência mútua entre o corpo e a cidade.

Segundo Jacques (2008), a relação e reorganização corpo-cidade é contínua. Assim como o corpo é moldado por fenótipos, que são as influências de ações ambientais, a cidade também sofre uma espécie de fenótipo. O corpo molda a cidade, e a cidade se inscreve no do corpo do habitante, o marcando de certa forma.

Para entender as pré existências espaciais ou memórias da cidade, o exercício voluntário da corpografia consta em uma análise da mesma para além da imagem. Observar ativamente a partir de experiências sensoriais, como por exemplo a partir de movimentos lentos, o como a cidade se manifesta no movimento dos corpos.

De forma sintética, o modo de usar a cidade deixa sobre o espaço marcas e registros, que se revelam nas práticas cotidianas. Bem como, a implantação de um evento cria novas práticas, as quais reverberam nas relações pessoa-cidade e nos significados dotados coletivamente aos espaços. Esse movimento, pode influenciar desde a concepção dos espaços públicos- como pela afirmação de quais os grupos sociais que poderão fazer o uso, seja do evento efêmero ou do espaço permanente que o abriga.

ESTUDO DE CASO

Para exemplificar os conceitos citados anteriormente, utilizaremos o estudo de caso de Costa (2015), que define uma série de estados pelo qual tal ambiente transita enquanto objeto de uma intervenção temporária.

Em seu trabalho, Costa registra o processo em que o espaço a ser utilizado pela feira, inicialmente um estacionamento, tem seu fluxo de veículos obstruído, sendo descaracterizado de tal uso, e entrando em um "Estado de latência ou infinitas possibilidades". Ao entrar nesse estado, revela a polivalência deste espaço- um potencial de abertura a novas interpretações, que possui presença o suficiente para que o espaço seja efetivamente ocupado.

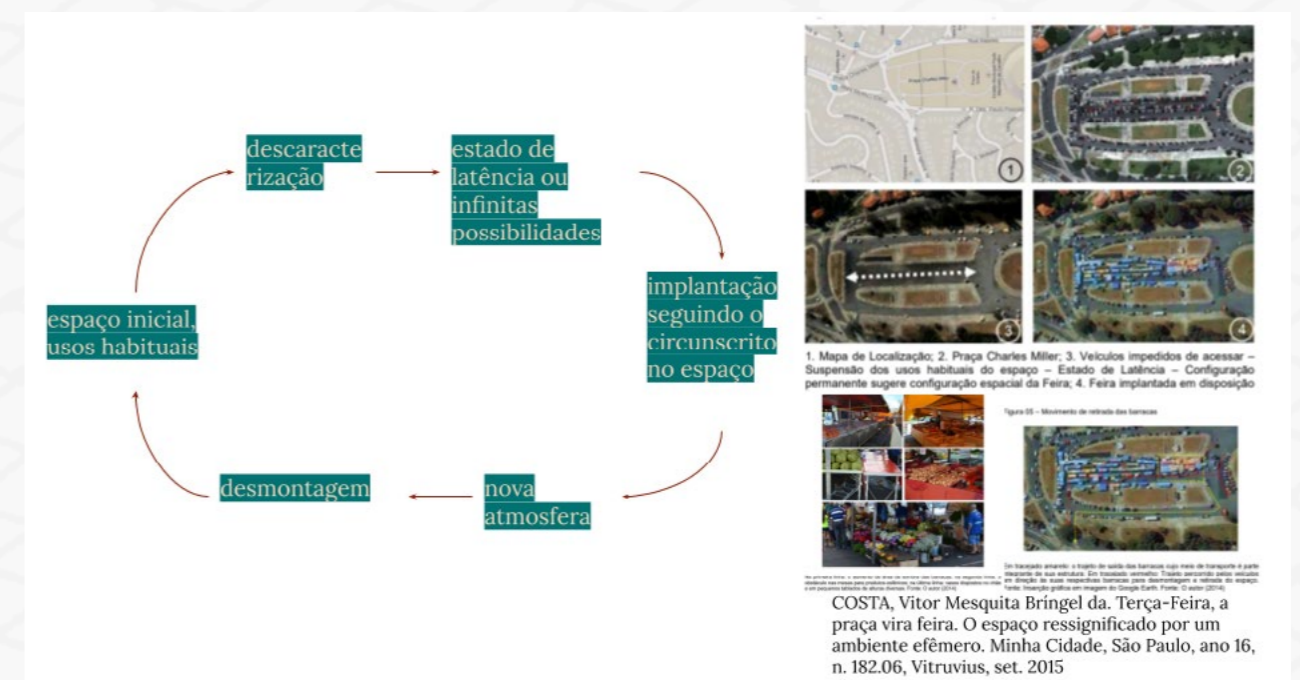
De tal estado de latência, inicia-se a implantação da feira seguindo o que já está circunscrito(memória). O modo com que é instalada a feira sofre influência direta do uso cotidiano da praça, pela disposição linear que as barracas são instaladas, conforme o estacionamento- o uso influenciando o espaço da

cidade.

Uma vez instalada, a feira instaura uma nova "atmosfera", compreendendo não apenas o novo espaço, mas uma nova sensibilidade oferecida por esse espaço, a qual aborda cheiros, sons, sentidos além do visual.

Após o uso programado, inicia-se a desmontagem, fragmentação e compactação das estruturas para transporte, e a praça volta a seu estado inicial, com os usos habituais, demonstra seu caráter de "inquietismo" em relação à praça.

Costa se utiliza do conceito "Ambiente Efêmero" dizendo respeito à totalidade do espaço, que para além das novas materialidades, abriga usos e atividades diferentes dos cotidianos, de uma forma que "[...] permita ao usuário atribuir significados diferentes dos costumeiros."(COSTA, 2015, P. 54).



Fonte: Fonte: Autora(2020), baseado em Costa (2015)

Relaciona-se à corpografia, tal noção de que a transformação desse estacionamento em feira aos poucos influencia o espaço inicial- seja de forma física ou na transformação do imaginário urbano sobre esse espaço.

Os afetos e identificações causados por essa ambiência temporária poderiam no futuro, por exemplo, resultar na reivindicação desse espaço de estacionamento para um espaço de comércio e lazer melhor estruturado; refletir na necessidade de certos suportes ou infraestruturas permanentes para dar suporte a essa feira impermanente; ou, por outro lado, fazer com que qualquer intervenção dessa natureza fosse rejeitada pela própria necessidade do espaço de estacionamento. E assim, começa-se a perceber o potencial de criação de novos afetos no espaço a partir de intervenções temporárias.

1.3 AFETOS e Resignificações Urbanas

Algumas cidades já fazem uso da ferramenta de eventos enquanto ressignificadores do espaço. A Virada Cultural de São Paulo, por exemplo, propõe uma apropriação sobre o centro a partir de um evento cultural, colocando o discurso de retomada dos espaços públicos em pauta. Segundo Costa, “o pano de fundo é o cidadão se relacionando com a cidade através dessa efemeridade e de suas expressões culturais.” (P. 14).

A partir de diversos atrativos, novas ambiências, apropriações e ocupações do centro, a Virada Cultural propõe um novo ponto de vista para o espaço, que sofreu com a gentrificação, e apesar da abundância de infraestrutura que dispõe, sofre descaso, sendo segundo o autor um lugar que tomou ares de ser “de ninguém” ao invés de ser “de todos”.

“Em sendo de “ninguém”, a conclusão lógica é a de que ninguém participa, cuida ou se vincula, ninguém cria laços de compreensão e identificação emocional, ninguém mantém relações de afinidade” (COSTA, 2015, P. 30)

Durante as 24 horas do evento, o espaço assume uma força simbólica, para além da funcional do dia a dia- essa força simbólica podendo provocar uma reidentificação e criação de laços emocionais com o mesmo, permitindo que esse volte a ser mais utilizado, gerando mais segurança e relações cotidianas.

[...] sendo um evento e, portanto, efêmero, a Virada Cultural não pode transformar perenemente o espaço público, dado que dura apenas 24h e acontece uma única vez ao ano. Tem, isso sim, potencialidade para fazer com que o cidadão paulistano passe a considerar o Centro Histórico em seu cotidiano social [...] funciona como um projeto icônico, podendo servir como lembrança e farol de onde se quer chegar com relação à reapropriação da região central de São Paulo por parte de seus cidadãos. Ao mesmo tempo e para alcançar tal objetivo, é importante que as políticas urbanas invistam em outras estratégias de requalificação. (ZARPELON, 2013, p. 194, apud COSTA, 2015, P. 29-30)

Para realizar a leitura das características que tornam eventos potenciais transformadores no processo de ressignificação da cidade, trazemos a contribuição de Adriana Sansão, que em suas pesquisas investiga a Amabilidade, ou seja, a produção de espaços mais amáveis. A pesquisa de Sansão contribui para o entendimento do evento que acontece pelo uso, em um lugar existente, sem a necessidade de instalação de uma arquitetura efêmera.

Em suas investigações, Adriana Sansão cita os estudos de Frenchman e sua série de lições para conceber um bom “lugar-evento”.

Entre elas, menciona a conexão entre a forma e as atividades, que envolveria os seguintes atributos: o território fisicamente limitado; a intimidade possibilitada pela compressão das pessoas em um mesmo espaço; a granularidade ou multiplicidade de nós de atividades; a triangulação possibilitada por um terceiro elemento que conecta dois desconhecidos; o movimento dos usuários pelo espaço [passeio/percurso] transformando observadores em performers; a pequena escala que possibilita intimidade, granularidade e triangulação; e o estímulo aos sentidos, ou sensibilidade, todas elas características físicas com pequeno grau de objetividade [mais interpretativas do que descritivas]. (FRENCHMAN, 2004, apud SANSÃO, 2011)

Partindo-se da noção de que a sociedade contemporânea está sujeita ao individualismo, onde espaços coletivos possuem cada vez menos convívios, a triangulação citada no texto é uma das possibilidades para a transformação de um espaço físico em um espaço social. Na triangulação, um estranhamento ou estímulo externo cria uma conexão entre os observadores, abrindo espaço para uma interação.

Sansão(2011), lê o efeito da triangulação como uma maneira de diminuir o espaço pessoal dos indivíduos. Espaço pessoal é um termo da psicologia ambiental que define que cada ser tem um espaço imaginário ao seu redor- o qual aumenta ou diminui conforme o tipo de relação interpessoal que se estabelece, sendo esse espaço menor nas relações onde há mais intimidade e vínculos. Uma intervenção traz a possibilidade de provocar novas conexões entre as pessoas, produzindo tais espaços mais amáveis

Ao ser um atributo que qualifica o espaço, a amabilidade é uma característica que a produção deste trabalho visa estimular na proposição de um evento, buscando na intervenção temporária transformar os espaços do cotidiano em lugares com significados e vínculos, provocando trocas de valores, ideais, criando laços e sentidos de identidade.

Por fim, realizo a diagramação esquemática dos conceitos: Diante da necessidade de alguma atividade ou evento, o espaço público, o qual revela suas memórias pré-existentes, é apropriado a partir do uso ou de instalações temporárias removíveis, criando uma nova atmosfera onde mudam as relações e percepções sobre a cidade. Os afetos produzidos nessas novas percepções se traduzem em práticas que farão parte da nova memória do local.

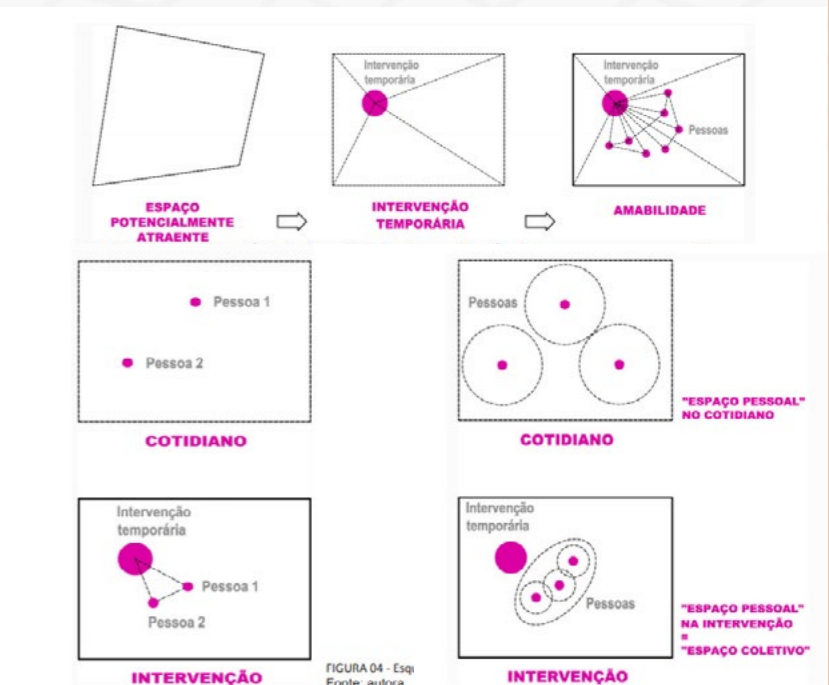
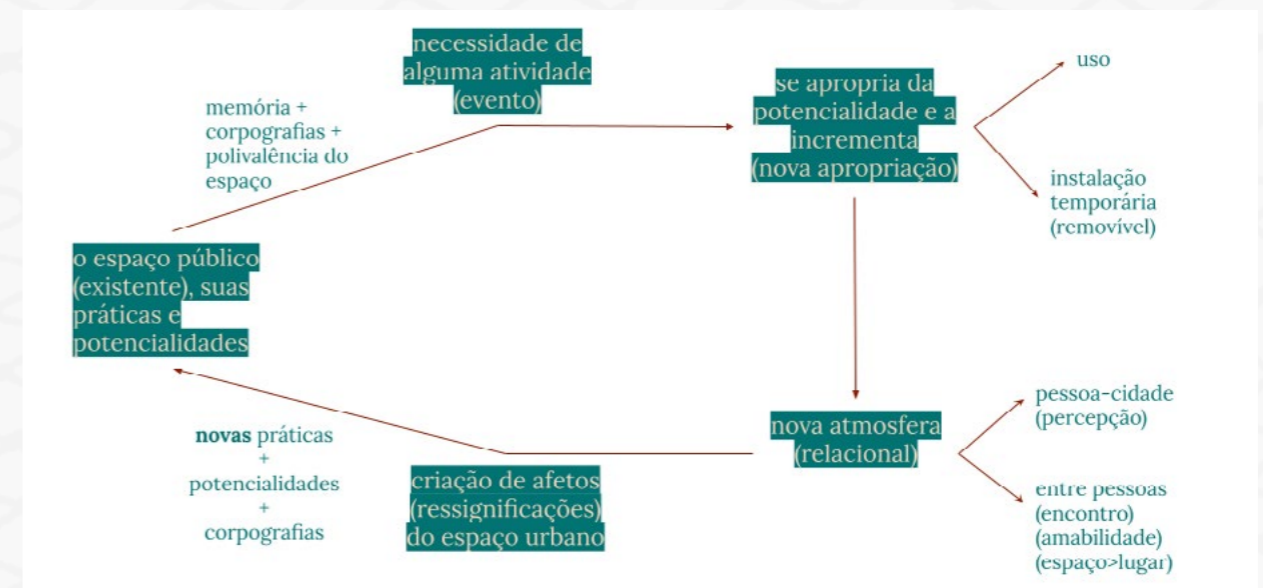


FIGURA 04 - Esq. Fonte: autora
Fonte: Sansão(2011) Esquemas produzidos para demonstrar os efeitos de uma intervenção sobre o espaço-pessoal e o conceito de amabilidade.



Fonte: Autora (2020)

2. Local de Intervenção

O local selecionado para a intervenção e implantação do evento é o Parque Cultural das 3 Pontas. Será explanado brevemente o contexto histórico e legal de cada uma das pontas, justificando seu contexto para a temática e apresentando em seguida o programa que surgiu como resposta.

2.1 Parque Cultural das 3 Pontas



O Parque Cultural das Três Pontas é uma proposta de criação de um parque público na região que envolve a Ponta do Goulart, Ponta do Lessa e Ponta do Coral em Florianópolis, capital de Santa Catarina - SC. As três Pontas constituem as últimas áreas naturais da Orla da Baía Norte, não tendo sofrido o aterramento para a construção da Av. Governador Irineu Bornhausen, popularmente conhecida como Av. Beira Mar Norte.

A proposta vem de diversas entidades. Junto ao Movimento Ponta do Coral 100% Pública, estão, entre outros, a CMAS-FC (Câmara de Meio Ambiente e Saneamento do Fórum da Cidade), a UATAPI - Associação dos Condutores Ambientais e Culturais da Grande Florianópolis, o AMA - UFSC (Ateliê Modelo de Arquitetura), a UFECO - União Florianopolitana de Entidades Comunitárias.



Fonte: Acervo - Movimento Ponta do Coral 100% Pública (2015)

A ideia do parque, segundo o Diário Catarinense (2011), surgiu em 2010, pretendendo proteger as pontas contra propostas que ameaçam o direito à cidade e causariam grandes impactos na paisagem sobre tais espaços, em especial quanto à polêmica da propriedade do espaço da Ponta do Coral.

As intervenções e o evento proposto procura promover a ativação do parque, provocando a visibilidade desse espaço como público, o surgimento de novas dinâmicas e novas memórias desenvolvendo um senso de permissividade em sua apropriação.

O PROGRAMA

As diretrizes gerais e específicas sugeridas na Maratona de Projeto para a área proposta pelo AMA-UFSC, em 2012, serviram como referência para a definição do programa de atividades de cada uma das pontas, assim como percepções da própria autora.

Dentre as diretrizes sugeridas, estão a infraestrutura de parque; a geração de trabalho para a população local em setores como a pesca, artesanato, gastronomia e venda de produtos tradicionais; os valores da cultura ilhéu inseridos nas atividades a serem desenvolvidas no parque, como as oficinas de pesca, construções de canoas, passeios em embarcações típicas; atividades de educação e conscientização ambiental; e integração do parque ao entorno "garantindo o acesso às áreas, bem como a desprivatização do acesso a orla da Baía Norte" (AMA, 2012).

Para a integração entre as 3 Pontas, propõe-se uma rede de mobilidade marítima, permitindo a circulação entre as mesmas por meio de um Barco com contação de histórias, prática já existente na Lagoa da Conceição, durante algumas edições do evento Maratona Cultural de Florianópolis.

Um atrativo comum às pontas, causador do efeito de triangulação, é a orientação solar à Oeste, permitindo vista do pôr do sol a partir das Pontas.

2.2 Ponta do Goulart

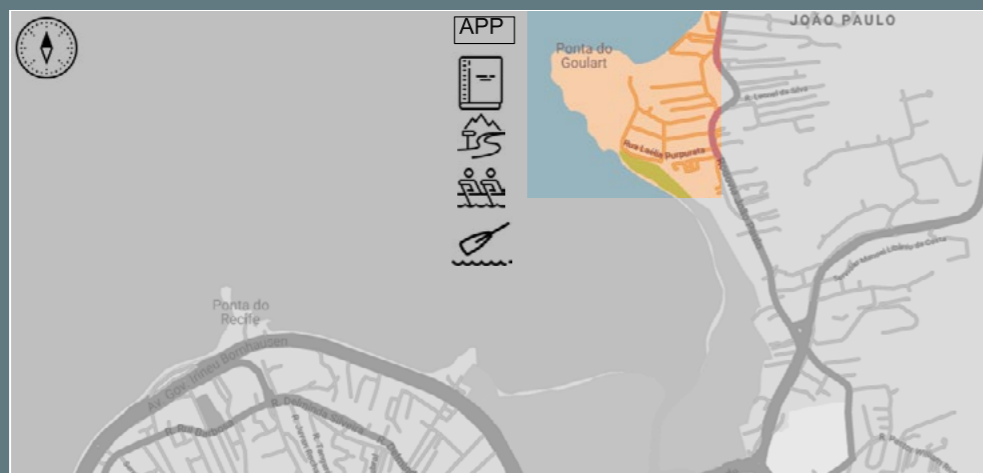
Situada entre o Parque Municipal do Manguezal do Itacorubi e a Estação Ecológica de Carijós, a Ponta do Goulart é considerada zona de amortecimento dessas unidades de conservação. Até os anos 70 foi utilizada para a prática de pesca, agricultura, pecuária, ocorrendo o desmatamento quase total da região, a qual hoje é zoneada como APP (Área de Preservação Permanente), em estágio médio de regeneração. Sua costa sendo AVL (Área Verde de Lazer), segundo o atual Plano Diretor, é hoje utilizado para a prática de pesca esportiva, trilhas, atividades de lazer e visitação (bem como para festas não autorizadas).

Pretende-se que a Ponta do Goulart permaneça com seu caráter legal de APP.

Devido à sua proximidade com o Manguezal do Itacorubi, serão realizadas apresentações de trabalhos da fauna e flora do mangue, promovendo uma conscientização da população local sobre a preservação do espaço.

As trilhas existentes no local terão os caminhos melhor estruturados e demarcados, recebendo placas informativas.

Em uma das faixas de areia, propõe-se atividades de esportes marítimos, como caiaque e canoagem.



Cenas Urbanas durante o Evento

2.3 Ponta do Lessa

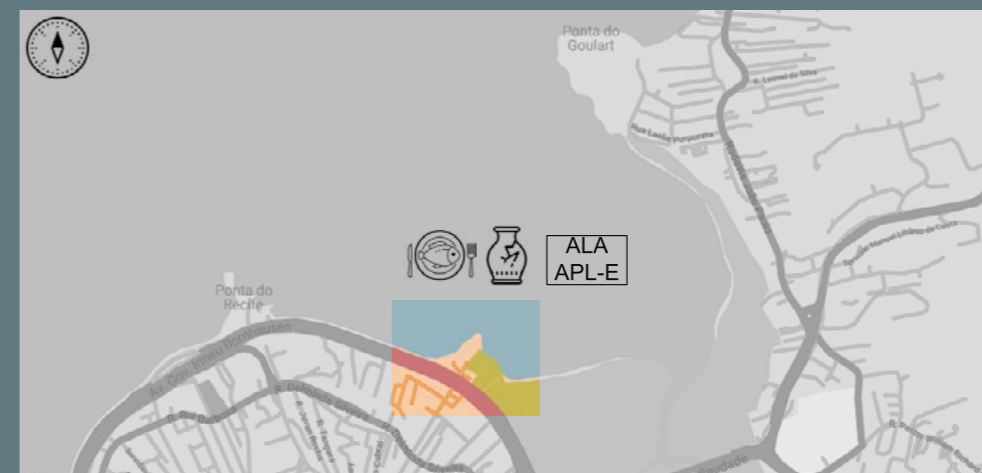
Em frente à casa do governador, no bairro Agrônômica, a Ponta do Lessa é limítrofe ao Manguezal do Itacorubi, e possui registros dos primeiros habitantes do litoral catarinense, entre 6000 e 2000 anos atrás, entre eles artefatos líticos e um grande Sambaqui, registros que vêm sendo destruídos pela urbanização. Em 1748, por sua vez, foi local para o Fortim Marechal Lessa, ou Entrincheiramento d'Agrônômica, ponto de defesa para proteção da ilha contra invasões. Suas ruínas foram, aos poucos, desaparecendo.

De acordo com o Plano Diretor de Florianópolis de 2014, parte da Ponta do Lessa é zoneada como ALA (Área de Limitação Ambiental), e como APL-E (Área de Preservação de Uso Limitado - Encosta). A área abriga hoje uma pequena colônia de pesca.

No plano diretor, mantém-se como ALA e APL-E.

As intenções para a área são de preservação e visitação aos registros históricos - os Artefatos Líticos e Sambaqui.

É estabelecida esta área também, como o espaço principal para a apresentação da gastronomia local dos pescadores da região.



Cenas Urbanas durante o Evento

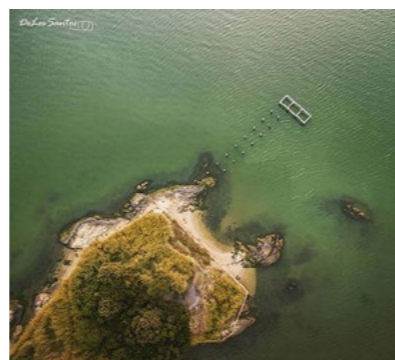
2.4 Ponta do Coral - Breve Histórico



Fonte: Marco Cezar, Especial, apud. NSC Total(2018)



Fonte: Acervo - Movimento Ponta do Coral 100% Pública (2015)



Fonte: Ricardo DeLos Santos

A Ponta do Coral, situada na Beira Mar Norte de Florianópolis, é palco de disputas na cidade desde os anos 70, e foi uma das fontes para a organização do projeto do Parque das 3 Pontas.

O histórico da região registra que, nos anos 1930, o local foi uma distribuidora de óleo, da qual são os resquícios de estrutura hoje existentes - dos casarões, na época utilizados como depósitos, e os resquícios da estrutura de um trapiche.

Em 7 anos, a distribuidora foi retirada, alegando-se “risco à coletividade”, e entre 1936 e 1940, foi instalado no local um abrigo de menores - os casarões utilizados como as lavanderias do abrigo. A Ponta ficava aos fundos do abrigo, e era utilizada para atividades de lazer dos internos e da comunidade do entorno.

A partir da década de 60, a região foi adquirida pelo estado, como patrimônio da FUCABEM - Fundação Catarinense do Bem Estar do Menor. Em 1977, entretanto, os planos diretores apontavam os interesses da construção de um hotel, o que desde então movimentou manifestações artísticas e estudantis no Movimento Ponta do Coral.

Em 1978, a construção da Avenida separou a área de sua conexão com o bairro da Agrônômica.

Em 1980, o abrigo de menores é desativado devido a um incêndio “potencialmente criminoso”(MOVIMENTO PONTA DO CORAL 100% PÚBLICA, 2015), e o terreno, de propriedade da União, é leiloadado e vendido para um terceiro como propriedade privada. A alegação do leilão era reunir verbas para a construção de um “novo educandário” na Palhoça, que nunca se realizou.

Além disso, afirma também o site do movimento, “O Decreto nº 11.708 é considerado ilegal, pois a lei não teve a sua tramitação na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Além disso, a venda foi realizada sem licitação.”

Foi então, vendido de forma privada, e desde os anos 80 tornou-se palco da disputa entre transformar a região em hotel ou parque público.

Sucessivas mudanças de plano diretor aconteceram a partir de 1984, onde a área recebeu o zoneamento AIH - Área de Incentivo à Hotelaria, permitindo a construção de prédios de até 18 andares - sendo a área anteriormente Área Verde de Equipamentos, podendo-se construir somente equipamentos comunitários de no máximo 4 andares.

A proposta do hotel têm sido barrada e autorizada consecutivamente por diferentes instâncias, e além da área vendida, 50% da área é considerada pública, usufruto dos pescadores artesanais da região, organizados na APPC - Associação de Pescadores da Ponta do Coral, fundada em 1998, a qual é “composta por cerca de 73 pescadores e 48 ranchos de pesca” (WAGNER, 2016, p.29).

Em 2011, o projeto de construção de um novo hotel, com uma torre de 23 pavimentos e várias outras intervenções como o aterramento da região, fez surgir a elaboração da contraproposta do Parque Cultural das 3 Pontas. Por pressão do Movimento, o Ministério Público Federal começa então a investigar o caso.

Em 2014, o Plano Diretor, em vigor, reduziu o zoneamento da região para ATL - Área Turística de Lazer, reduzindo de 18 para 6 o número máximo de pavimentos.

Entre alvarás de construção aprovados, anulados, “pedidos de substituição” do projeto e atos de resistência, a área foi mantida- pelo suposto proprietário e pelo poder público- sem manutenção e sem cumprir com a função social da propriedade, criando uma situação de insegurança e descaso com a orla da cidade.

Devido à polêmica pelo direito da região, diversas manifestações e eventos já reivindicam o local, como o evento Maratona do Coral, promovendo manifestações artísticas e oficinas, e a Novembrada Cultural na Ponta do Coral, organizada pelo Movimento Ponta do Coral.



Fotos históricas de eventos e manifestações reivindicando a Ponta do Coral.
Fonte: Movimento Ponta do Coral 100% Pública (2015)

3. Intervenção na Ponta do Coral



O Programa

No plano diretor, é transformado de ATL (Área Turística de Lazer) para ECM - Equipamento de Cultura e Memória, devido à carga histórica e importância do espaço para a população local, e para o apoio e permanência às práticas ainda hoje realizadas, que refletem a história da Ilha de Santa Catarina.

Recebe caminhos e arquiteturas que dão suporte a uma maior conexão com o bairro Agrônômica, o qual sofreu uma separação

brusca do acesso à área com a implantação da Av. Beira Mar Norte.

A cultura local é difundida durante o evento a partir de oficinas de pesca, apresentações culturais, contação de lendas urbanas ao redor da fogueira, feira de produtos artesanais e ambientes que permitam o diálogo sobre espaços públicos.

Para a permanência dos pescadores na área, haverá regulamentação fundiária das edificações do local. O Parque recebe enquanto evento atividades chamadas de “solução-ação”. A participação dos pescadores na implantação do parque, com oficinas de intervenção, permite a identificação dos mesmos com a implantação que será realizada.

Para as casas dos pescadores, as quais algumas apresentam precariedade na construção e condições de habitação, uma solu-

ção horizontalizada é o lançamento de uma Maratona de Projeto durante o evento, com organização e iniciação de um mutirão para análise das condições, qualificação espacial e reforma, com o auxílio de profissionais qualificados, havendo o envolvimento dos mesmos em todo o processo decisório.



3.1 Conexão com o Urbano



Entorno

LEGENDA

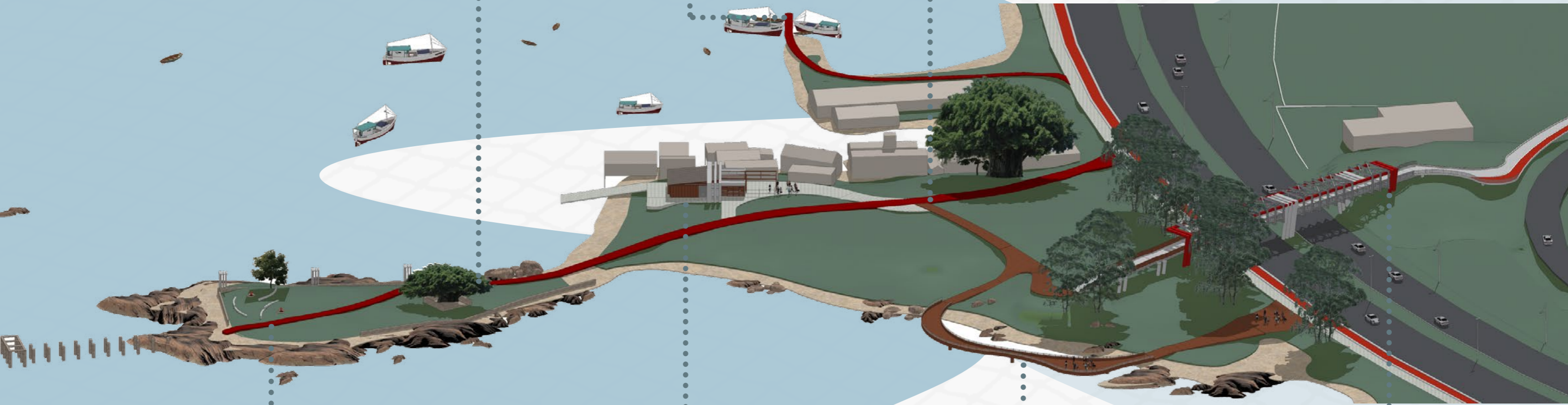
- 1- Hospital Nereu Ramos
- 2- Hospital Infantil Joana de Gusmão
- 3- Centro Catarinense de Reabilitação (CCR)
- 4- Casa dos Hemofílicos João Volney Bússola
- 5- Rede Feminina de Combate ao Câncer Florianópolis
- 6- Delegacia da Mulher
- 7- Federação Catarinense de Tennis
- 8- Direto do Campo
- 9- Colégio Estadual Pe. Anchieta
- 10- Centro de Saúde da Agrônômica
- 11- Palácio da Agrônômica
- 12- Campo de Futebol
- 13- Distrito Policial de Proteção à Mulher
- 14- Bolsão de estacionamento



Acessibilidade

LEGENDA

- Ciclovía da Av. Beira Mar Norte
- Faixa compartilhada entre veículos e bicicletas
- Criação de ciclovía e passeio estruturado
- Criação de faixa compartilhada pedestres e ciclistas
- Pontos de Ônibus existentes



3.2 Implantação

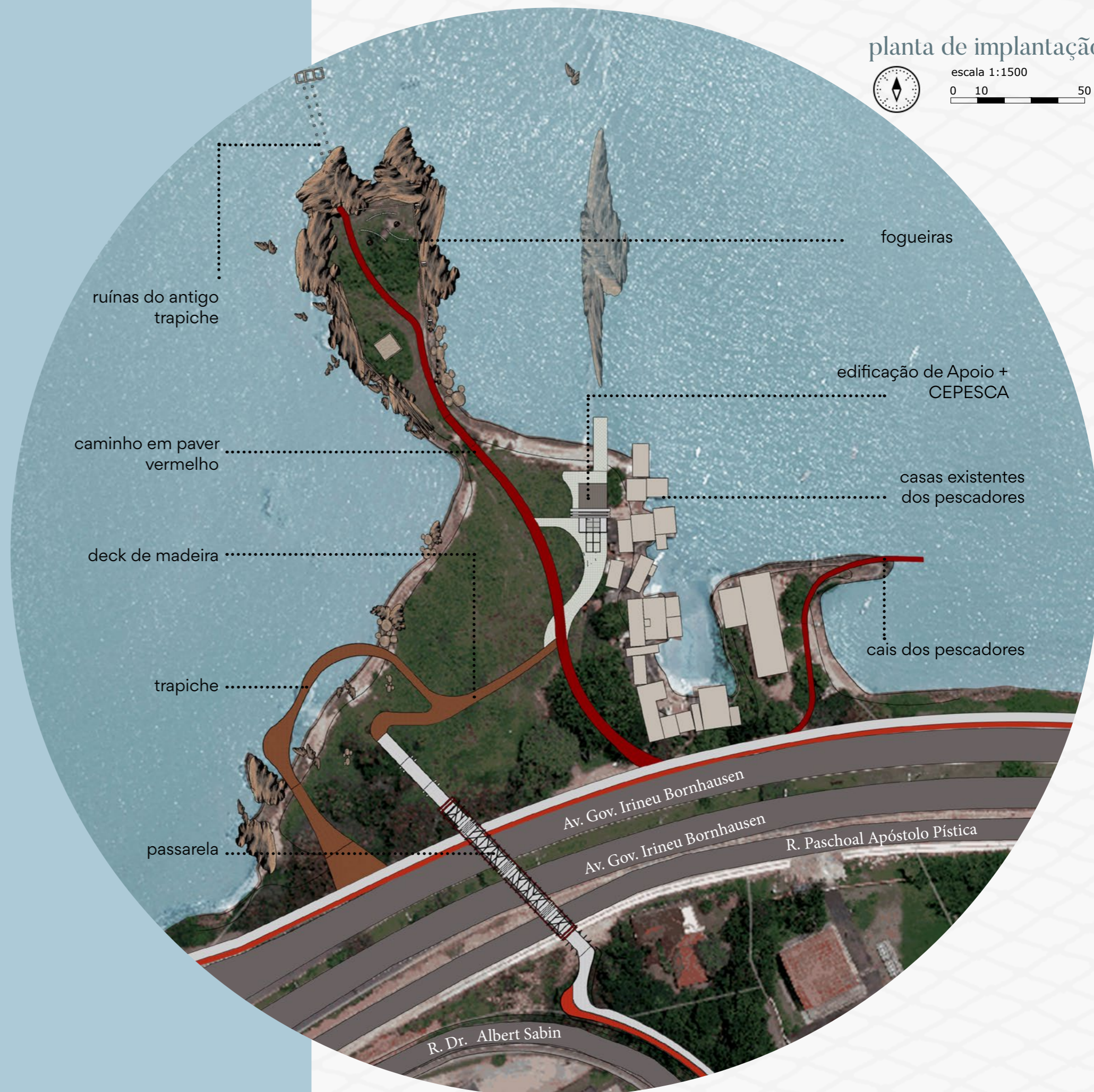
Na implantação do parque, a estruturação dos acessos foi fundamental para funcionar como um convite à ocupação da área e demarcação de seu caráter público.

A definição da implantação surgiu a partir de caminhos principais pré-existentes, a serem acessibilizados para pessoas com dificuldade de locomoção, com o caminho orgânico de paver vermelho.

O deck de madeira, por consequência, surgiu visando a apropriação de um espaço menos ocupado da ponta, e da criação de uma interface com o mar que expandisse além da faixa de areia.

A Passarela de conexão com a Agrônômica é apoiada no ponto de mais alta topografia do terreno, se conectando ao morro que se eleva no outro lado da Av. Gov. Irineu Bornhausen, popularmente conhecida como Av. Beira Mar Norte.

Uma edificação de apoio ao parque e com anexo para a criação do CEPESCA - Centro de Pesca Artesanal, foram implantadas ao lado da área dos pescadores, para o uso dos mesmos junto ao parque.



A criação de um caminho orgânico e contínuo desde o espaço dos pescadores à extremidade norte da ponta do coral, cria um senso de unidade ao espaço ocupado pelos mesmos e a estruturação de parque, reforçando a ligação de sua história sobre a identidade da área, e sua influência sobre os caminhos que uma implantação sobre a Ponta deverá tomar.



Na extremidade leste do caminho vermelho, junto à área apropriada pelos pescadores, o cais existente para ancorar as embarcações e canoas é estruturado em melhores condições de segurança, dando também continuidade ao caminho vermelho.



cenas urbanas durante o evento

No evento, propõe-se a visitação de escolas da cidade para conhecer melhor a cultura dos pescadores, bem como, o cais dos pescadores é o ponto de embarque para o passeio de barco com contação de histórias entre as 3 pontas.





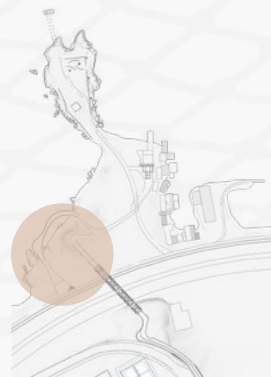
A extremidade norte do caminho, o espaço mais afastado da Av. Beira Mar Norte, é apelidado por este trabalho de "ponta-da-ponta". Nesta, o caminho vermelho direciona o olhar às ruínas do antigo trapiche. Na ponta-da-ponta, bancos se adaptam à topografia do terreno em volta de fogueiras, um atrativo para a utilização do espaço no inverno e à noite.



cenas urbanas durante o evento

No evento, propõe-se para a área a contação de lendas de Florianópolis ao redor das fogueiras. A área possui potencial de ser apropriada para picnics. Bem como, o espaço permite que aconteçam práticas de conexão com a natureza.



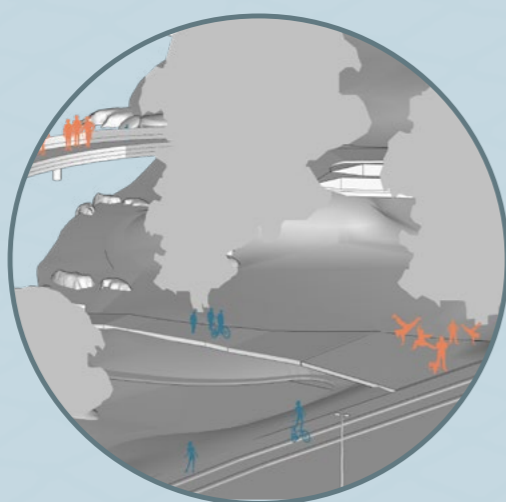


Na direção oeste, a conexão ao bolsão de estacionamento e aos pontos de ônibus da Av. Beira Mar Norte acontece por um deck de madeira, o qual se transforma em trapiche e possibilita uma nova ambiência de contato com o mar, bem como outras perspectivas para observar a paisagem e a Ponta do Coral. O trapiche traz uma metáfora ao distanciamento criado entre a população e a área por tantas décadas, e à nova perspectiva de apropriação e pertencimento sobre o parque.

O caminho do deck segue à chegada da passarela, assim como ao encontro da varanda da edificação de apoio ao parque.



cenas urbanas durante o evento



O espaço do trapiche permite a instalação da feira de produtos artesanais, assim como apresentações artísticas, por ser um espaço com boa visibilidade junto ao caminho e ciclovia da Av. Beira Mar.



3.3 PASSARELA

Para o uso compartilhado por pedestres e ciclistas, a Passarela conecta a Ponta ao bairro Agronômica, permitindo o acesso à área a grande parte da população que ali habita, a qual encontra-se muito próxima a espaços abundantes de lazer, porém fragmentada pela Avenida.

A Passarela funciona também como um pórtico, marcando visualmente o espaço, e permitindo que o mesmo ganhe o ponto de vista de quem passa diariamente pela Avenida, via carro ou ônibus.

Ao atravessar a Avenida e chegar à área da Ponta do Coral, a passarela recebe um guarda corpo de madeira, mesmo material do deck, para dar continuidade à apreensão do caminho e criar uma presença visual mais sutil sobre a área sensível.



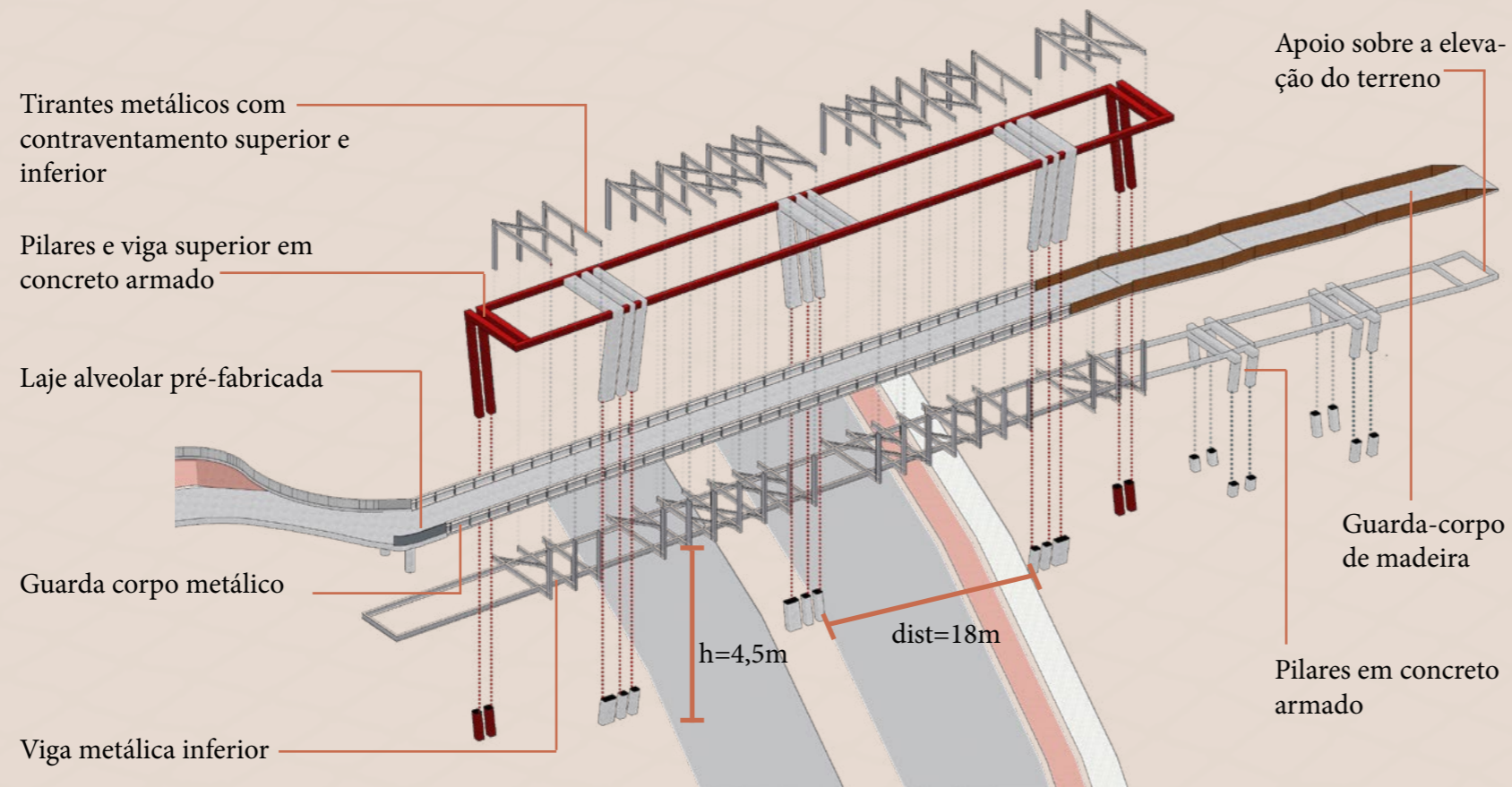
cenas urbanas durante o evento



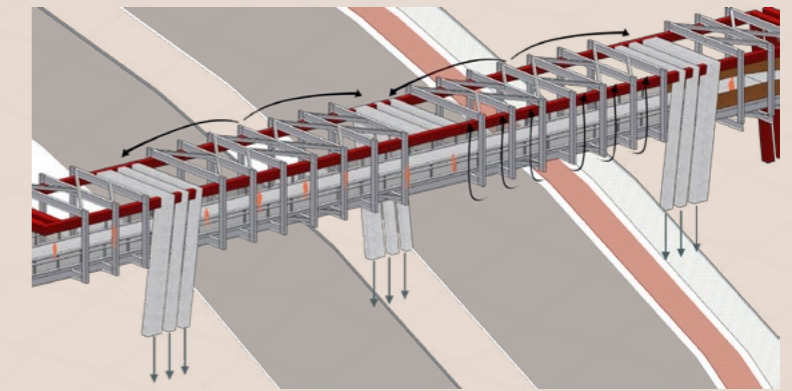
O encontro da passarela com a Ponta poderá abrigar apresentações artísticas, e possui vista privilegiada para o por do sol, uma atração natural.



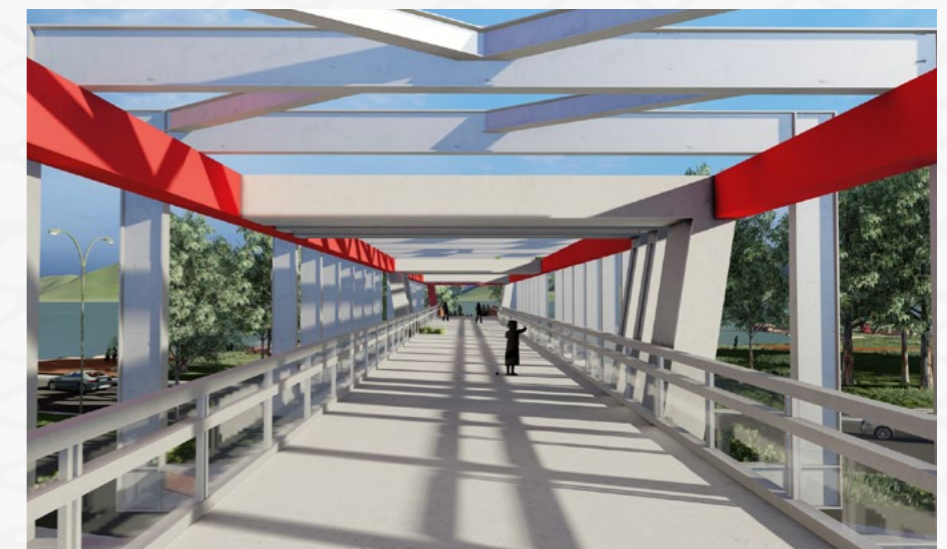
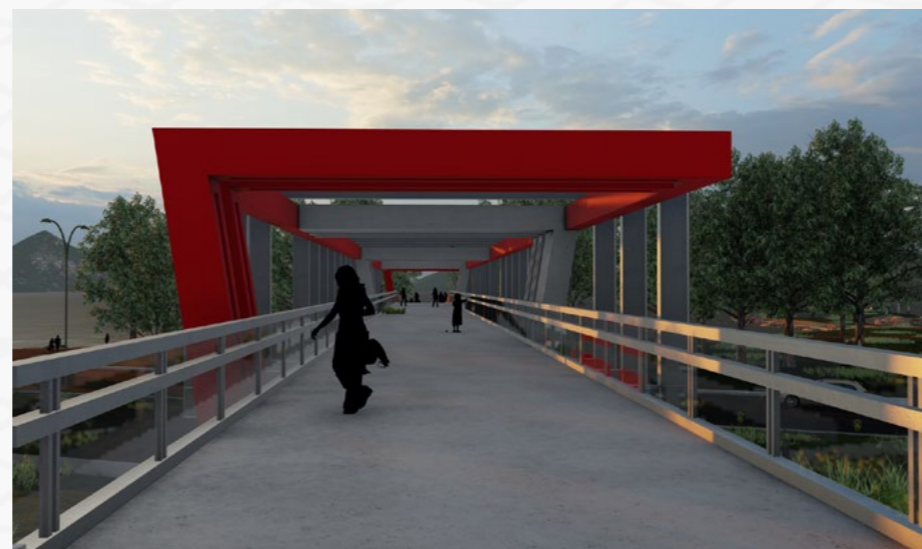
MATERIALIDADE



DISTRIBUIÇÃO DE CARGAS



O peso sobre a laje da passarela é suportado por tirantes, que encaminham a carga à viga superior- a associação funcionando como uma viga Viereendeel. A viga superior direciona o carregamento aos pilares, os quais possuem uma inclinação e são posicionados intercalando sua direção de apoio, para contrabalançar os pesos.



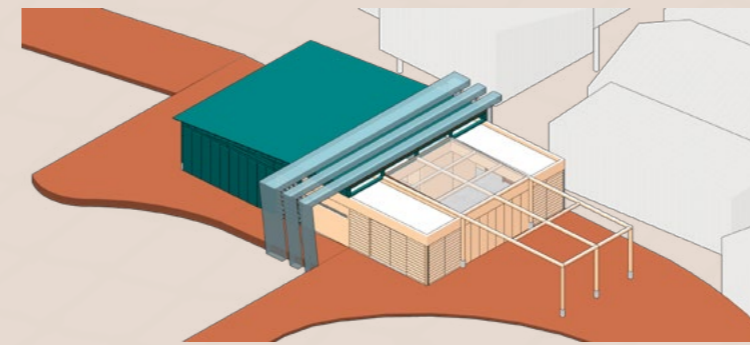


Caminhos de chegada ao edifício de Apoio + CEPESCA



APOIO + CEPESCA

3.4

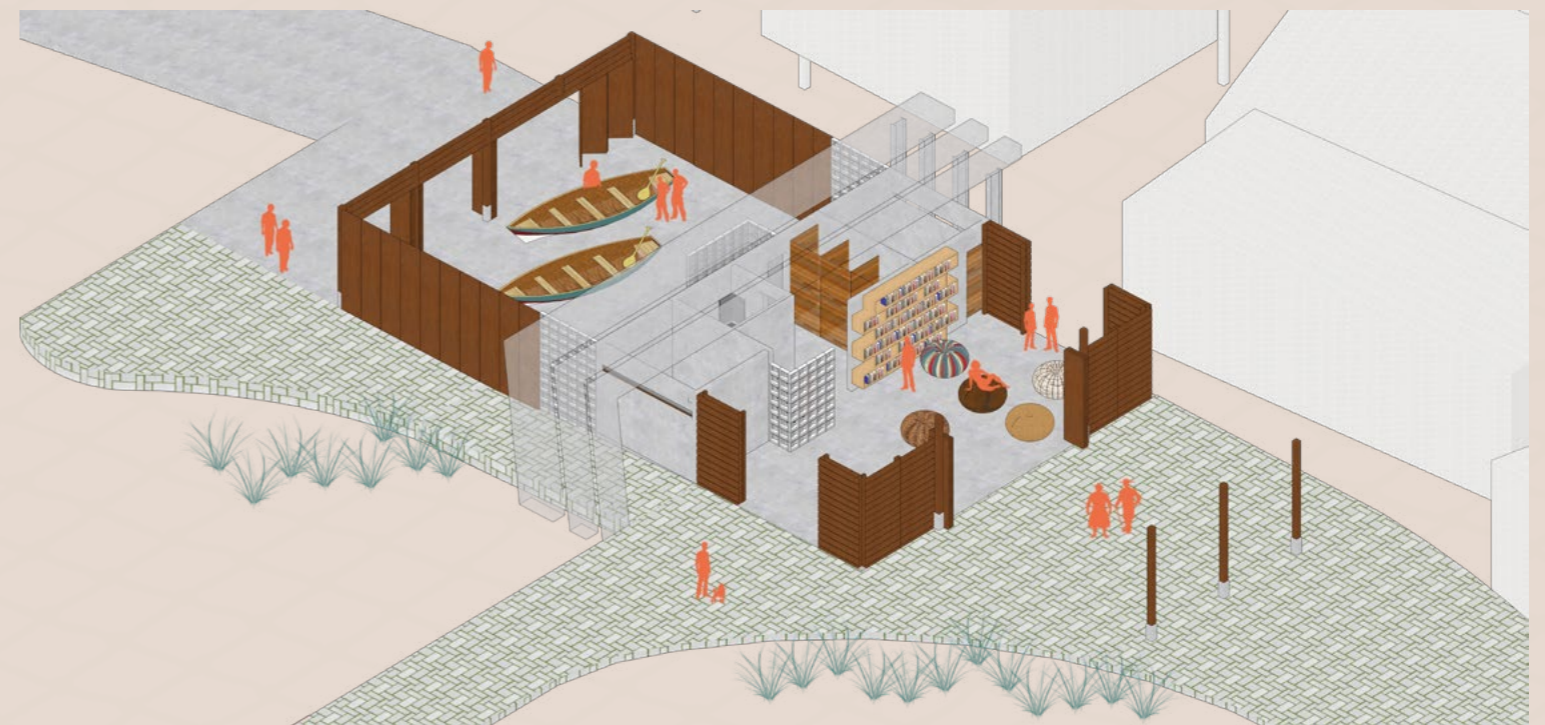


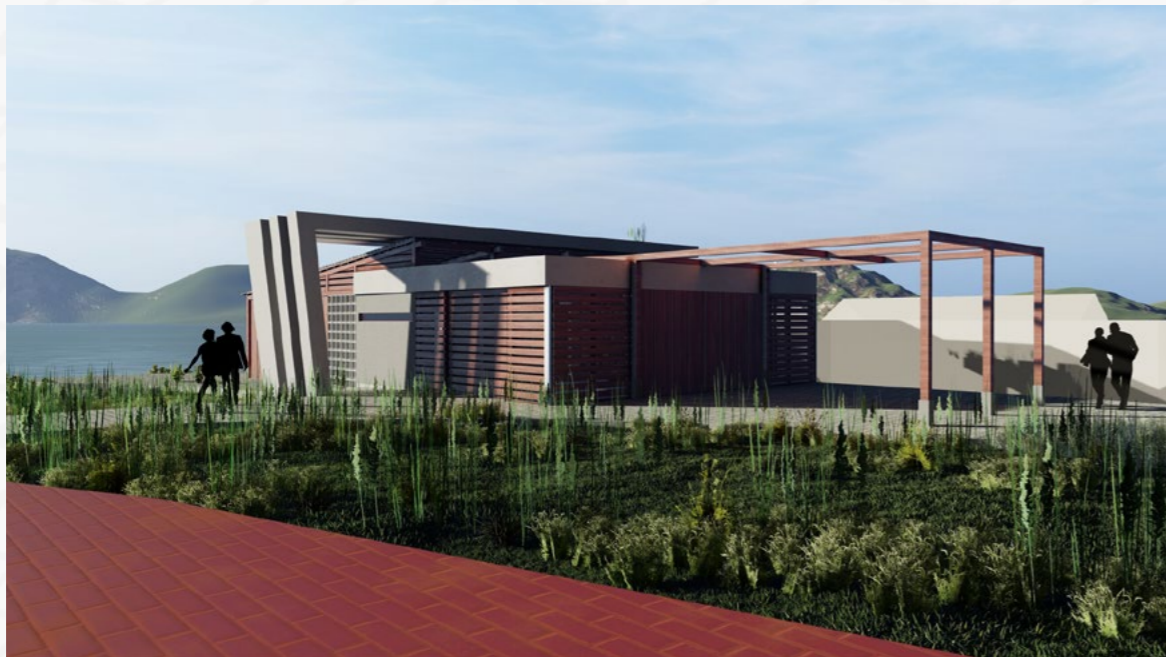
- CEPESCA - Centro da Pesca Artesanal
- Pórtico
- Edificação de Apoio ao Parque
- Varanda

O CEPESCA, Centro da Pesca Artesanal, anexo ao edifício de Apoio ao parque, permite a difusão da cultura local a partir de oficinas de fabricação de barcos, e de oficinas de pesca. A criação do centro representa uma assistência à permanência dos pescadores, a partir da geração de emprego, e visibilidade e aproximação que promovem a cultura e história do local.

Na área integrada do edifício de apoio, sugere-se a criação de uma biblioteca da Ponta do Coral e das lutas pelos espaços públicos de Florianópolis e Santa Catarina.

O edifício abre-se para uma varanda externa onde um pergolado faz continuidade à cobertura translúcida interna, sugerindo espaços que permitam a utilização com diversos fins, como para reuniões do mutirão para construção de casas, para apresentações artísticas ou para manifestações, se tornando um potencial de triangulação e promovendo conexões entre os ocupantes do parque e dos eventos que o mesmo poderá abrigar.





Vista Sudeste



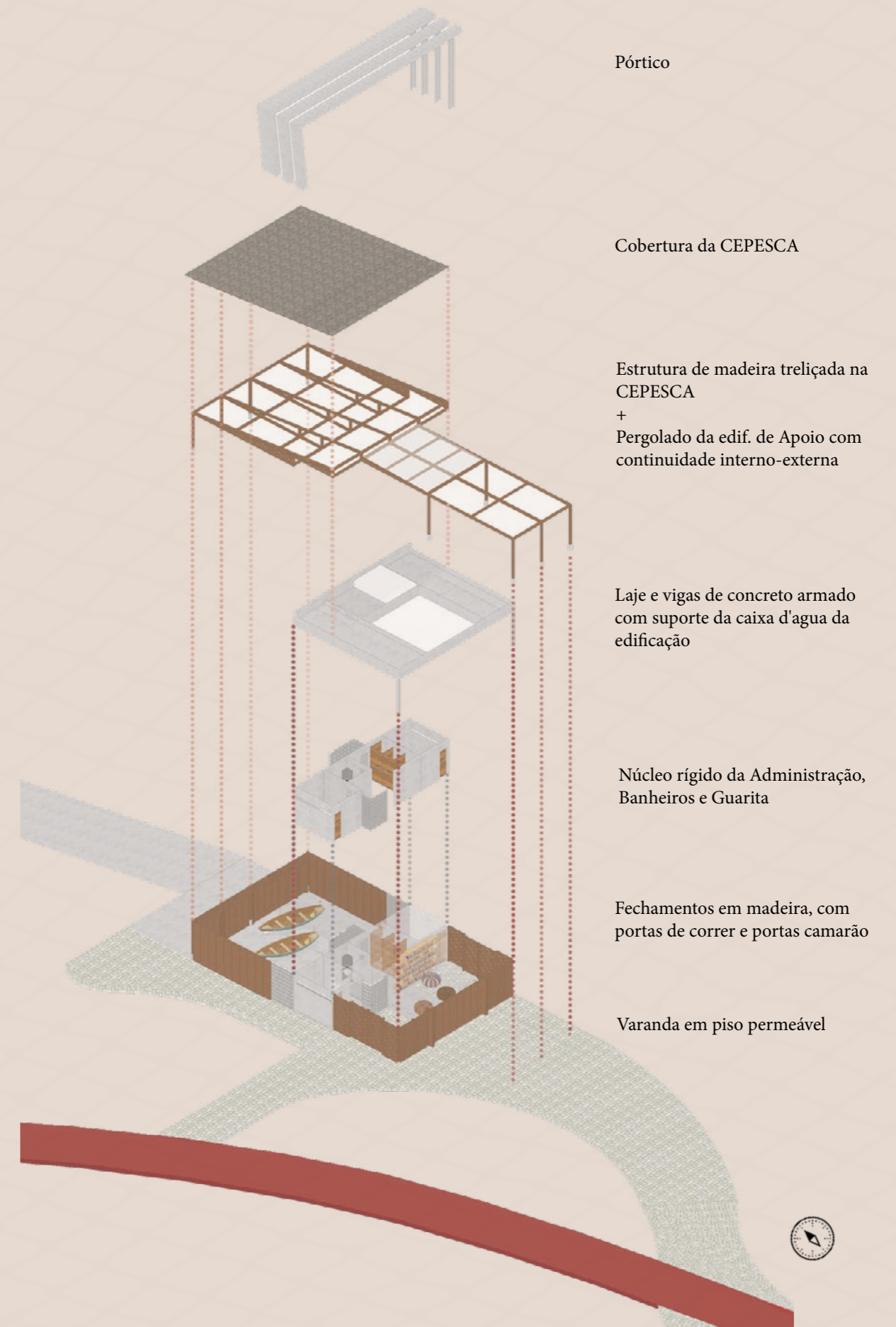
Vista Nordeste

CENAS URBANAS DURANTE O EVENTO



A varanda do edifício de apoio poderá abrigar as reuniões do mutirão de reforma das casas dos pescadores, assim como apresentações artísticas. A CEPESCA poderá contar com mostras de embarcações portuguesas e oficinas de carpintaria naval e fabricação de tarrafas.

MATERIALIDADE





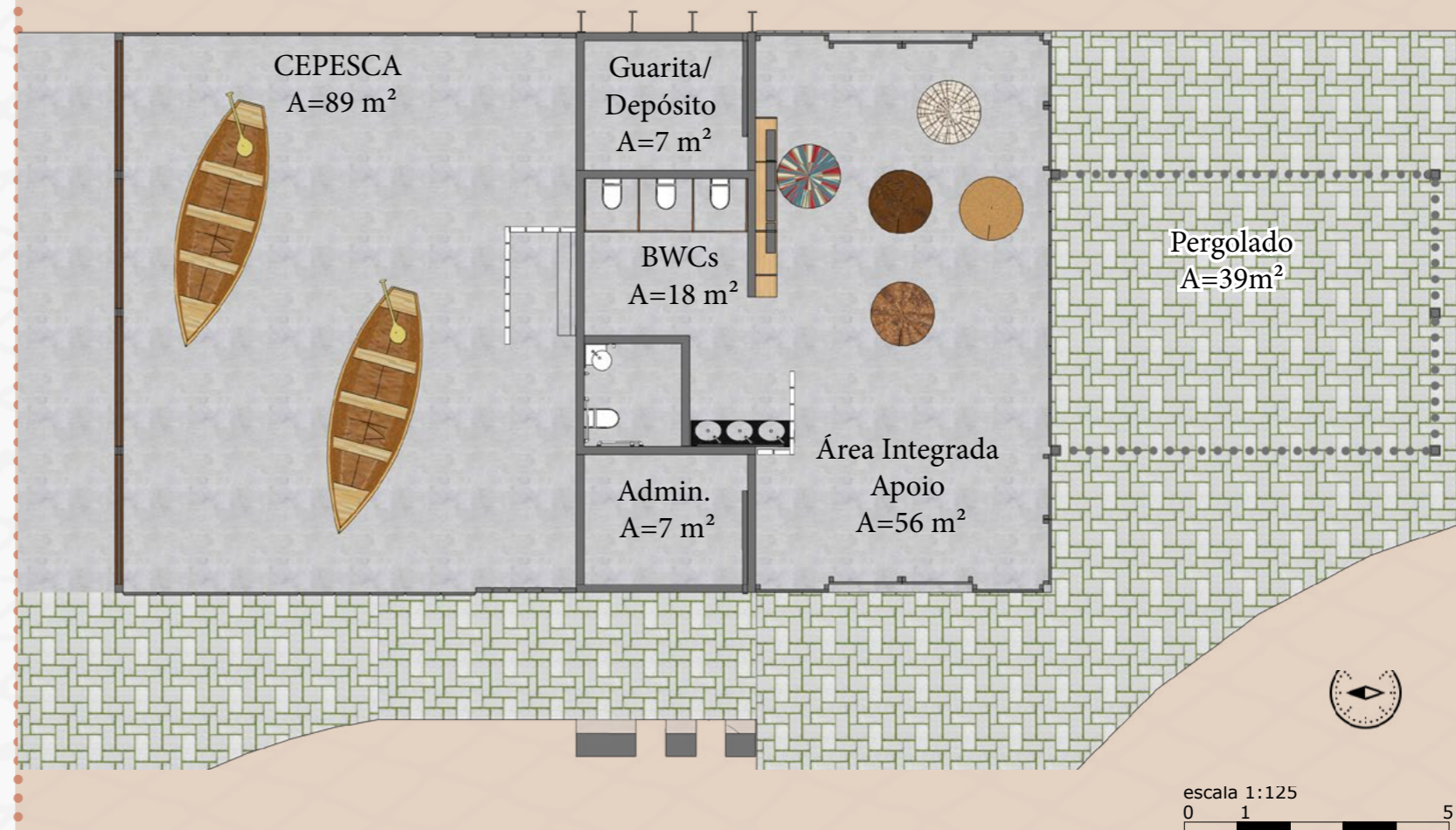
Vista Norte



Vista Leste



Vista Sul

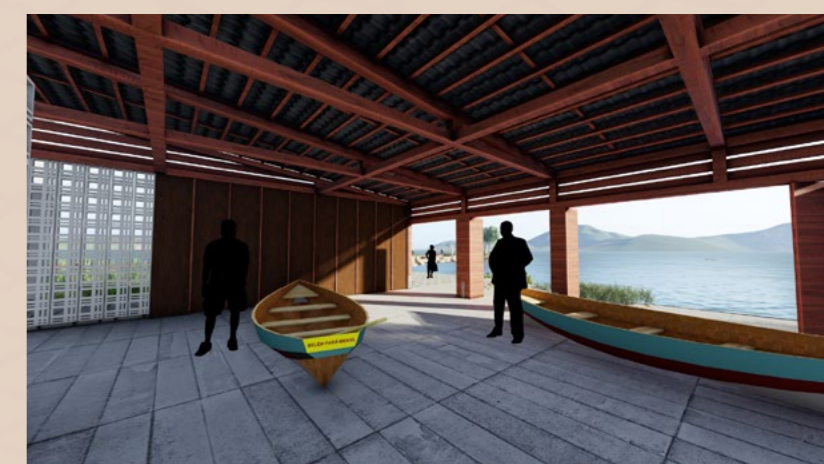


planta baixa

APOIO



CEPESCA



Conclusão

A complexidade apresentada na área da Ponta do Coral e tantas idéias definidas sobre a mesma foram um desafio para o estabelecimento de uma proposta coerente com o espaço, o trabalho tendo se modificado bastante da teoria para a experimentação prática, e da primeira proposta a nível de pré banca para a proposta final.

As diretrizes, entretanto, pretenderam refletir ainda mais o caráter público desse espaço, como público, e talvez essa seja a força final deste trabalho- uma experimentação de quais seriam as possibilidades, enquanto um incentivo para que a luta pela retomada desse espaço continue.



vídeo da área geral



Bibliografia

AMA - ATELIÊ MODELO DE ARQUITETURA; UFSC (Florianópolis). CALA - Centro Acadêmico Livre de Arquitetura. Maratona de Projeto Parque Cultural das 3 Pontas. 16 ago. 2012. Disponível em: <https://amaufsc.wordpress.com/category/projeto/parque-cultural-das-tres-pontas/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: Cadernos PPGAU/UFBA. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA, 2008.

COSTA, Vitor Mesquita Bringel da. Efemeridade na arquitetura: a alternância de significado dos espaços públicos do centro paulistano na "Virada Cultural". 2015. [148 f.]. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, [São Paulo].

COSTA, Vitor Mesquita Bríngel da. Terça-Feira, a praça vira feira. O espaço ressignificado por um ambiente efêmero. Minha Cidade, São Paulo, ano 16, n. 182.06, Vitruvius, set. 2015 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.182/5705>>.

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. Geoprocessamento Corporativo. [S. l.], 7 abr. 2021. Disponível em: <http://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

HERTZBERGER, Herman – Lessons for Students in Architecture. 4ª edição. Rotterdam: 010 Publishers, 2001. ISBN: 90-6450-464-4.

MOVIMENTO PONTA DO CORAL 100% PÚBLICA (Florianópolis). Parque Cultural das Três Pontas. 2015. Disponível em: <<https://parqueculturaldas3pontas.wordpress.com/>>. Acesso em: 07 abr. 2021

PAZ, Daniel. Arquitetura efêmera ou transitória. Esboços de uma caracterização. Arquitextos, São Paulo, ano 09, n. 102.06, Vitruvius, nov. 2008 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>>

SANSÃO FONTES, Adriana . Amabilidade urbana: A qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária. Cadernos do PROARQ (UFRJ) , v. 2011, p. 22-41, 2011.

sem autor: Maratona Cultural de Florianópolis 2019: evento multicultural terá mais de 40 horas de programação gratuita. Deolhonilha.com.br., 23 jul. 2019. Disponível em: <https://www.deolhonilha.com.br/florianopolis/noticias/maratona-cultural-de-florianopolis-2019-evento-multicultural-tera-mais-de-40-horas-de-programacao-gr.html>. Acesso em: 26 maio 2021.

WAGNER, Rafael Silva. Ponta do coral uma análise do impasse sócioeconômico. Orientador: Armando de Melo Lisboa. 2016. Monografia (Bacharelado em Economia) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158485>. Acesso em: 7 abr. 2021.